

A TARDE BAIRROS

Olga Leiria / Ag. A TARDE

RENASCIMENTO É no
Comércio que Salvador
reúne sua origem de
cidade portuária e a
proposta de redescobrir o
bairro de olho no futuro

PORTO DE ENCONTROS

Uma das portas de entrada de Salvador, com origem estreitamente ligada à própria fundação da cidade, o Comércio é um porto seguro para encontros diários entre o passado e o futuro. Das tradições culturais da Rampa do Mercado às inovações do Doca 1, do pioneirismo do Elevador Lacerda à grandiosidade futurista da Ponte Salvador-Itaparica – que, ao ficar pronta, deflagrará nova fase de desenvolvimento na região –, tudo no Comércio respira história. Se, por séculos, ali foi o centro financeiro da capital baiana, o futuro é promissor, com a combinação de requalificação ampla, preservação cultural e incentivo à economia criativa. **2 a 12**

APONTE A CÂMERA DO
CELULAR E ACESSA A PÁGINA
DO A TARDE BAIRROS



DIVO ARAÚJO

Por séculos, o Comércio foi o coração econômico de Salvador, porta de entrada da cidade e centro das decisões financeiras da Bahia. Hoje, o bairro vive um dos momentos mais decisivos de sua história recente. Após décadas de esvaziamento, a região começa a dar sinais de que pode entrar em novo ciclo de requalificação urbana, cultural e logística, sem abrir mão da sua memória. Os desafios são imensos. Transformar o Comércio em bairro vivo, pulsante e ocupado ao longo do dia e da noite é um dos principais.

“É preciso romper com a lógica histórica de um território que funcionava apenas no horário comercial e que, por muitos anos, ficou esvaziado à noite”, resume a vice-prefeita e secretária de Cultura e Turismo de Salvador, Ana Paula Matos. Para isso, observa, é necessário atuar de forma integrada, com planejamento urbano, políticas culturais, habitação, mobilidade, segurança e serviços públicos.

A presidente da Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF), a arquiteta Tânia Scofield, também destaca o desafio da ocupação noturna. Para ela, implementar um programa no Comércio é muito mais difícil do que em qualquer outro ponto de Salvador. “No caso daqui, é revitalizar mesmo, é dar vida. Porque aqui a vida acaba às 5h da tarde. Acabou o expediente, as pessoas vão para casa”.

Para mudar essa realidade, a prefeitura tem buscado alternativas. Entre elas, está a decisão de levar secretarias municipais à região. “Esse movimento já provocou impacto imediato no fluxo de pessoas, dinamizando o comércio local, aquecendo os serviços e devolvendo vida às ruas. Onde antes havia prédios vazios, hoje há servidores, cidadãos em busca de serviços e uma cidade em funcionamento”, afirma Ana Paula Matos.

Tânia dá um exemplo prático de como a presença dos órgãos públicos contribui para dar vitalidade à região. “É incrível como o fato de ter cerca de 80% dos órgãos da prefeitura aqui no Comércio fez com que restaurantes e lojas fossem abertos. Eu vejo isso pela minha equipe: quando saem para o almoço, voltam com compras. Tudo isso reativa, de fato, o comércio”.

O que também contribui para repovoar a região é a transformação da área em polo de tecnologia e economia criativa. Impulsionado por projetos de inovação, o bairro passou a atrair startups, empreendedores e profissionais ligados às novas economias, ajudando a ampliar a circulação de pessoas.

Os principais expoentes desse movimento são o Doca 1 — Polo de Economia Criativa e o Hub Salvador, localizados próximos um do outro, na Avenida da França. Inaugurado em 2022, o Doca 1 foi estruturado para integrar inovação, cultura e lazer, reunindo ambientes de trabalho, eventos e atividades com vista para a Baía de Todos-os-Santos.

Já o Hub Salvador, instalado em 2018, é considerado um dos principais centros de inovação do País, com coworking, auditório e estúdio audiovisual, além de conectar startups, profissionais e empresas em torno do empreendedorismo e de soluções digitais.

“O reconhecimento do Comércio como o primeiro destino criativo da cidade foi um passo importante para fortalecer sua identidade cultural e conectar Salvador a uma rede internacional de territórios que apostam na criatividade, na cultura e na economia urbana como motores de desenvolvimento”, afirma Ana Paula.

Construção de moradias

Outro eixo fundamental para revitalizar o local, na avaliação das gestoras, é a moradia. “Estamos promovendo a requalificação de casarões históricos para trans-



Fotos: Olga Leiria / Ag. A TARDE

Região histórica da capital, o Comércio passa por processo de revitalização

A nova rota do Comércio

RESGATE APÓS DÉCADAS DE ESVAZIAMENTO, SALVADOR APOSTA NA REVITALIZAÇÃO DE BAIRRO HISTÓRICO

Impulsionado por projetos de inovação, o bairro passou a atrair startups e empreendedores

O Hub Salvador é considerado um dos principais centros de inovação do País



formá-los em habitação para servidores públicos. Isso significa trazer moradores para o Comércio, garantindo ocupação permanente e fortalecendo o sentimento de pertencimento”, explica a secretária de Cultura.

Segundo Tânia Scofield, o município conta com dois programas do tipo na região. O primeiro prevê o retrofit de imó-

veis situados entre a Igreja do Pilar e o prédio da Associação Comercial. Essa área, explica, é formada basicamente por três ruas: Corpo Santo, Santos Dumont e Portugal. O projeto já está pronto, e a expectativa é que até junho seja assinado o contrato de financiamento com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para a re-

cuperação dos casarões.

A presidente da Fundação Mário Leal Ferreira explica que a proposta é o reaproveitamento integral de 25 casarões dos séculos XVII e XVIII. A ideia é preservar completamente as fachadas — já que muitos deles têm grande valor histórico e arquitetônico — e realizar intervenções internas por retrofit.

Segundo ela, os projetos já contam com pré-aprovação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o que permite adaptar os espaços internos, em muitos casos bastante deteriorados, para novos usos. “A intenção é que esses imóveis sejam reconfigurados, sobretudo para fins habitacionais, garantindo a preservação da identidade histórica”.

Nos casarões antigos, de até três pavimentos, serão ofertados aos servidores municipais apartamentos tipo estúdio, além de unidades de um, dois e três quartos. “Não tem nada melhor do que trabalhar próximo à sua casa”, argumenta Scofield, acrescentando que pesquisas junto ao funcionalismo ajudaram a embasar a iniciativa.

O outro programa, segundo a gestora, ainda não tem projeto executivo concluído, mas prevê a restauração de 21 casarões antigos, alguns completamente abandonados, entre o Taboão e o Pilar. “Já realizamos a licitação para contratar o escritório de arquitetura que vai elaborar o projeto”, afirma Scofield. Nesse caso, o público-alvo é diferente. “Esse projeto é exclusivo para pessoas que já moram no Centro Histórico em condições de risco”, explica.

Preservação do patrimônio

Tânia Scofield observa outro aspecto positivo dos programas: além de ofertar habitação, eles garantem a preservação do patrimônio histórico da região. “É nessa área onde estão alguns dos prédios mais bonitos dos

séculos XVII e XVIII, que foram completamente destruídos pela falta de conservação por parte dos proprietários”.

Para viabilizar o uso dos imóveis, a prefeitura já publicou decretos de encampação — ato pelo qual o poder público retoma bens privados por motivo de interesse público, com pagamento de indenização. Em alguns casos, os imóveis serão desapropriados.

Pode parecer contraditório, mas a decadência do Comércio nas últimas décadas contribuiu para a preservação de seu patrimônio histórico, pontua o historiador Rafael Dantas. “É verdade que, a partir dos anos 1970 e 1980, houve o direcionamento do novo núcleo financeiro e político para a região do Iguatemi e da Av. Paralela, com a construção do Centro Administrativo. Por um lado, representou um declínio da região, mas por outro, contribuiu para a preservação do Centro Histórico de Salvador”, observa.

Para ele, se a região tivesse permanecido no radar do mercado financeiro, do comércio e do setor imobiliário, certamente muitos exemplares de casarões e estruturas históricas teriam sido perdidos. “De uma forma ou de outra, o movimento de declínio ajudou para que a região se mantivesse como está, preservando suas estruturas antigas”, observa.

Tanto Rafael Dantas quanto o historiador Murilo Mello acreditam em novo ciclo. “É um caminho quase inevitável. Em várias cidades do mundo, as áreas portuárias voltaram a ser valorizadas”, diz Mello. Para Dantas, entender o passado é essencial para pensar o futuro. “De todos os lugares de Salvador, o Comércio foi o que mais passou por transformações urbanas. Conhecer essa história é fundamental para compreender o papel que ele ainda pode voltar a ter na cidade”, explica.

Setor imobiliário aponta desafios

Infraestrutura em expansão é um fator decisivo para atrair o mercado imobiliário

A Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário da Bahia (Ademi-BA) também tem exercido o papel de articular o poder público e o setor privado para levar novos empreendimentos à região. No entanto, como pontua o presidente da entidade, Cláudio Cunha, o caminho ainda é cheio de desafios.

“O mercado imobiliário, inclusive em reuniões recentes com o município e com o Estado, tem apresentado suas demandas e preocupações”, relata. Ele lembra que, para trans-

formar imóveis em moradias financiáveis, é preciso, antes de tudo, verificar a situação legal e fundiária dos terrenos. “Há o Iphan e a SPU (Superintendência do Patrimônio da União). Tudo isso precisa ser analisado, porque se trata de uma área de aterro”, explica.

Apesar dessas questões, Cláudio Cunha acredita que o Comércio reúne atributos sólidos para também se consolidar como um bairro residencial. “A vista para a Baía de Todos-os-Santos, o valor histórico da região e o conjunto

arquitetônico que remete ao início da formação da cidade, com edificações de inspiração europeia, tornam o bairro especialmente atrativo”, avalia.

O presidente da Ademi-BA destaca ainda a infraestrutura existente e em expansão como um fator decisivo para atrair o mercado imobiliário, citando a proximidade com o Centro Náutico, o Mercado Modelo, os sistemas de transporte público, os planos inclinados, o Elevador Lacerda e a chegada do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) à região.

Mas, lembra ele, como não há espaço para novas construções, já que todo o território é tombado, o caminho passa necessariamente pela ocupação dos imóveis existentes, com intervenções de retrofit que preservem o valor histórico e adaptem os prédios às novas formas de morar. Ele acredita que isso vai acontecer, ainda que demore algum tempo. “Acredito que aqui será como em outros lugares do mundo, onde os centros históricos se tornam as áreas mais valorizadas das cidades”, aposta.

Associação Comercial estimula interesse da iniciativa privada

Para aproximar o poder público, o setor produtivo e potenciais investidores interessados na região do Comércio, a Associação Comercial da Bahia (ACB) vem se consolidando como um dos atores mais importantes do processo. “A ACB não substitui o papel do Estado, mas contribui fomentando oportunidades, estimulando o interesse da iniciativa privada e defendendo a criação de condições estruturais que permitam a recuperação do bairro”, explica a presidente da entidade, Isabela Suarez.

Esse trabalho, acrescenta ela, passa pela escuta ativa dos empresários que já atuam na região e pela defesa de políticas públicas que fortaleçam aqueles que optaram por permanecer no Comércio. “É preciso devolver o bairro às pessoas, aproximar a população da sua história e criar espaços de convivência, cultura e diálogo. Quando o Comércio volta a ser vivo

especialmente pelas novas gerações, ele deixa de ser apenas um endereço comercial e passa a ser percebido como parte da identidade da cidade”, diz.

Um dos pilares dessa estratégia, pontua Isabela Suarez, é a própria recuperação do Palácio da Associação Comercial. Segundo ela, a proposta é restaurar o edifício e devolvê-lo à sociedade baiana como um grande centro de interpretação do Comércio, valorizando sua

Sede da ACB será restaurada e devolvida como centro indutor de desenvolvimento do Comércio

história e importância na formação econômica da Bahia.

“Além de preservar o patrimônio, o Palácio passa a cumprir um papel ativo na reativação do bairro, funcionando como um equipamento indutor de novos fluxos e de atividades culturais, institucionais e econômicas, contribuindo para a reconstrução da dinâmica urbana do Comércio”, afirma.

Ela lembra que a saída de grandes instituições contribuiu de forma significativa para o esvaziamento da região. “É importante salientar que, antes de tudo, a questão da segurança pública precisa ser repensada. Sem ambiente seguro, as pessoas não permanecem, serviços não se estendem e novas atividades não se consolidam”.

Iniciativas providenciais

A revitalização do Comércio não pode depender apenas do poder público, como mostra a tra



Palácio da Associação Comercial, em estilo neoclássico, é um marco histórico tombado pelo Iphan

jetória do cineasta e empresário francês Bernard Attal, que decidiu, há mais de 20 anos, morar na capital baiana, atraído por um título de investimento do Porto de Salvador herdado pela avó. Ao fazer a escolha, ele resolveu devolver à cidade o Trapiche Barnabé.

Bernard conta que morava no Santo Antônio Além do Carmo

e, da janela, conseguia ver o imóvel histórico. “Era um conjunto de ruínas transformado em estacionamento, tomado pela vegetação”, descreve.

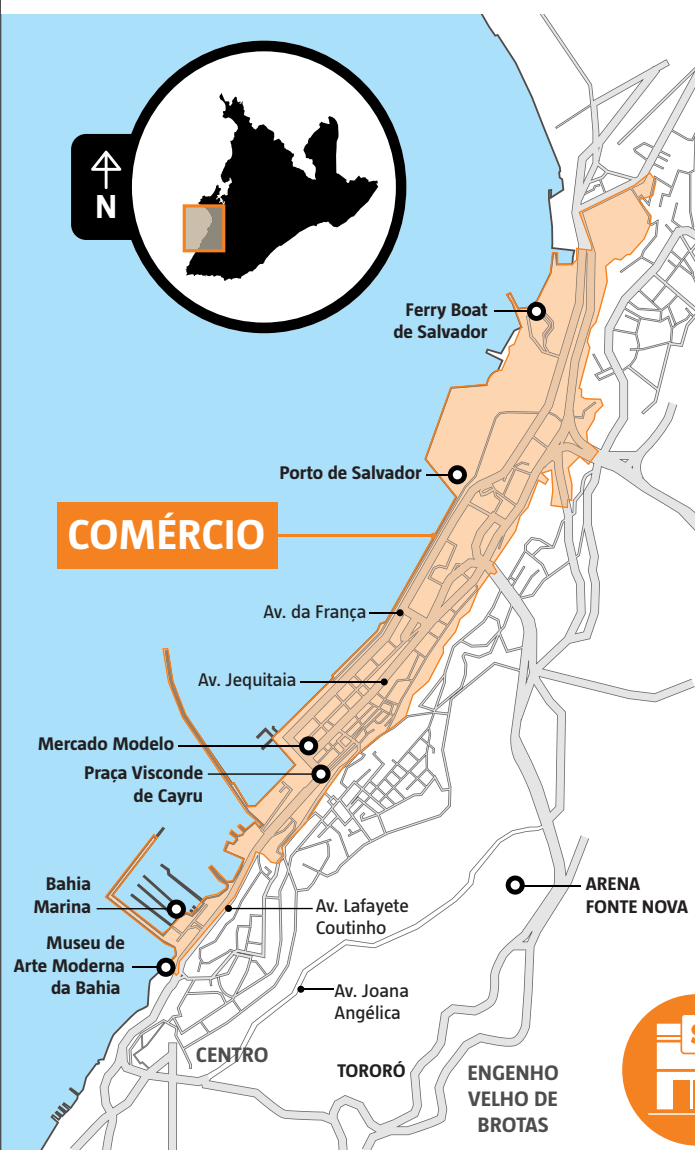
Ao iniciar a restauração, a expectativa era concluí-la em três ou quatro anos. Mas o processo completo acabou se estendendo por 15 anos, em razão das exigências envolvi

das na recuperação de um patrimônio histórico.

“Já usávamos alguns espaços abertos da casa para realizar eventos, como o Festival Sangue Novo”, explica. Segundo ele, a tramitação em diferentes instâncias, como o Iphan e a prefeitura, impõe uma série de etapas que tornam o andamento mais lento. **(Divo Araújo)**

HISTÓRIA REGADA A SERVIÇO

Comércio guarda as origens da cidade em sintonia com as exigências da vida moderna



IMÓVEIS COM VALOR HISTÓRICO



IGREJAS
Conceição da Praia, São Pedro Gonçalves do Corpo Santo, Nossa Senhora do Pilar, Casa Pia de São Joaquim

MOBILIDADE
Elevador Lacerda, Plano Inclinado Gonçalves, Plano Inclinado do Pilar, Elevador do Taboão

OUTROS

Capitania dos Portos, Terminal Turístico Náutico da Bahia, Forte São Marcelo, Docas do Porto, Mercado Modelo, Cidade da Música da Bahia, Casa das Histórias de Salvador, Instituto do Cacau, Palácio da Associação Comercial da Bahia, Prédio da antiga sede do Banco Econômico, Mercado do Ouro, Trapiche Barnabé

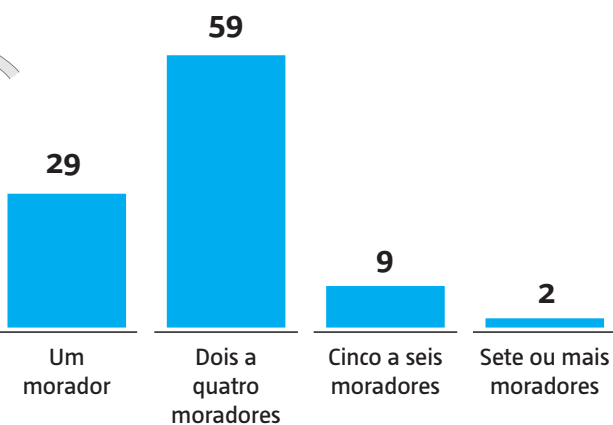


ÁREA TOTAL

1.363.910,63 m2
O equivalente a 0,45% de Salvador



MORADORES POR DOMICÍLIOS PARTICULARES (em %)



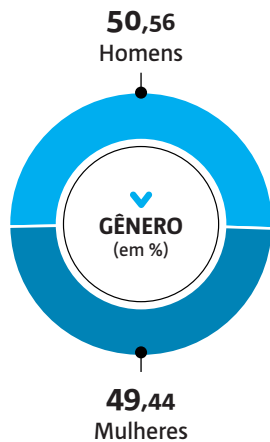
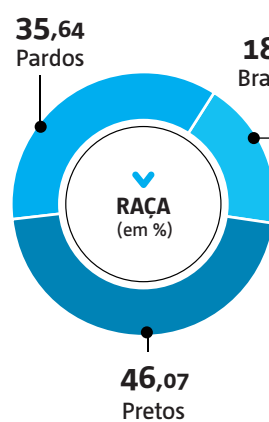
AGÊNCIAS BANCÁRIAS

Banco do Brasil (6), Banco Santander (3), Banco Bradesco (4), Caixa Econômica (2), Itaú Unibanco (4), Banco Alvorada (1), Banco Capital (1), Dacasa Financeira (1), Banco BBM (1), Banco Inter (1), RPI Corretora (1), Bacor Corretora (1), Banco BMG (1), BV Financeira (1)



POPULAÇÃO RESIDENTE

971
População Total
7,119 hab/ha
Densidade demográfica



EMPRESAS ATIVAS
7.125



INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Centro Universitário UnidomPedro - Campus II, Faculdade Inteligente, Faculdade São Bento da Bahia, Polo EAD Ucsal Comércio, Faculdade Dom Pedro II, Fundação Faculdade de Direito da Bahia, Unijorge - Campus Comércio Prédio 4



FONTES

Fonte de Santa Luzia, Fonte do Mungunga, Fonte do Taboão ou dos Padres



LADEIRAS E PRAÇAS

Ladeira do Taboão, Ladeira da Misericórdia, Ladeira da Montanha, Praça Marechal Deodoro, Praça São Joaquim, Praça Almirante Paula Guimarães, Praça Riachuelo, Praça Irmãos Pereira, Largo de Água de Meninos, Praça Maria Felipa (antiga Visconde de Cayru), Praça da Inglaterra, Praça Conde dos Arcos

MONUMENTOS

Monumento à Cidade do Salvador, Estátua de Gandhi, Monumento da Batalha de Riachuelo, Monumento ao Visconde de Cairu, Monumento de Maria Felipa, Irmão Joaquim do Livramento, Banheiro dos Jesuítas, Arena da Capoeira, Munganga

FONTES Fundação Mário Leal Ferreira (CENSO 2022) e agenciasbanco.com.br

EDITORIA DE ARTE A TARDE

Renata Marques / Divulgação



“A ACB não substitui o papel do Estado, mas contribui fomentando oportunidades”

ISABELA SUAREZ, pres. da ACB

Ricardo Prado / Divulgação



“Não há investimento na parte mais interna, anterior ao aterramento do início do século XX”

BERNARD ATTAL, empresário

Movimento contínuo de revitalização na região

O Trapiche Barnabé é uma das inaugurações mais recentes, que integra um conjunto de imóveis históricos recuperados na região, com diferentes usos. “Hoje, o Comércio já concentra alguns dos principais equipamentos culturais da cidade, que têm papel fundamental na reocupação simbólica do bairro”, diz a vice-prefeita Ana Paula Matos.

A presidente da Fundação Mário Leal, Tânia Scofield, ressalta que a prefeitura vem implementando intervenções estruturais e de paisagismo. “Recuperamos praças como a da Inglaterra, Cayru e Marechal Deodoro, que chamam de Praça da Mãozinha. Recuperamos a Av. Miguel Calmon”, elenca. Ela cita como exemplo emblemático a Praça Cayru, que passou a se chamar Praça Maria Felipa e foi ampliada para “abraçar a Baía de Todos-os-Santos”.

Tânia também destaca as obras voltadas ao patrimônio e à cultura. “Restauramos o Mercado Modelo, o Elevador Lacerda, fizemos a Cidade da Música, recuperando aquele imóvel lindíssimo chamado Casa dos Azulejos Azuis, que estava em ruínas. Recuperamos também o imóvel ao lado, que hoje abriga a Casa das Histórias. Havia ainda um terreno vazio ao lado, onde construímos o Arquivo Público Municipal”, enumera.

Bernard Attal chama a atenção para uma característica desses projetos de recuperação: a maior parte se concentra nas áreas próximas à antiga Praça Cayru e ao mar. “Não há investimento na parte mais interna, anterior ao aterramento do início do século XX. O Comércio original é ali”, afirma, citando como exemplo o imóvel onde funcionava o Restaurante

Colon, que operou por 107 anos, foi mencionado na obra de Jorge Amado e hoje está em ruínas. É justamente nessa área que a prefeitura planeja reformar os casarões.

Attal cita outros exemplos de prédios históricos abandonados em outras áreas do Comércio, como o Edifício da Lâmpada, na Ladeira da Montanha, que incendiou no ano passado, e o Instituto do Cacau, que passou por obras em 2018, mas hoje está bastante deteriorado.

O empresário cita o Instituto do Cacau como exemplo emblemático do abandono de parte do patrimônio histórico da região. No interior do prédio funcionava o Museu do Cacau, que ele visitou em 2010, na produção de um de seus filmes – o documentário sobre o Comércio intitulado *O porto das Origens*, lançado em 2024.

A arte da reinvenção

TENDÊNCIA SAIBA COMO A CANOA HAVAIANA TRANSFORMOU A PRAIA DA PREGUIÇA EM POLO ESPORTIVO DE SALVADOR

DIVO ARAÚJO

Por muito tempo, a Praia da Preguiça, no Comércio, foi sinônimo de abandono. Estigmatizada pela violência e pelo uso de drogas, a pequena faixa de areia, com vista privilegiada para a Baía de Todos-os-Santos, ficou fora do roteiro de lazer, apesar de ser cercada por alguns dos principais cartões-postais de Salvador. Hoje, o cenário é outro: ainda de madrugada, remos cortam o espelho d’água, canoas coloridas se alinham na areia e grupos se organizam para treinos e passeios. O esporte, sobretudo a canoa havaiana, mudou a história do lugar.

“Aqui era tudo mato. Tinha caco de vidro, sujeira, muito recheio das pessoas em vir. A gente limpou essa praia inteira com as próprias mãos”, relembra Jonayr Braga, 40 anos, do clube Canoa Bahia, pioneiro na ocupação esportiva da Preguiça. “Isso foi em 2014. No começo, foi um trabalho de formiguinha. Pouca gente acreditava que isso aqui podia dar certo”, lembra.

Hoje, a Praia da Preguiça é considerada o maior polo de canoagem havaiana de Salvador. Há 18 clubes em operação no mesmo trecho, além de outras modalidades que ocupam o espaço, como natação, futevôlei, boxe e funcional. “O esporte mudou a praia”, resume Luciana Kroeger, fundadora do clube de canoagem Imua Vida Leve. “Não existe outra praia em Salvador com tantos clubes de canoagem como aqui”, completa.

A canoa havaiana, também conhecida como canoagem polinésia, deixou de ser apenas um esporte exótico para se tornar uma das atividades de lazer e bem-estar mais procuradas da capital baiana, especialmente no verão. E a Praia da Preguiça reúne uma combinação rara: águas abrigadas da baía e uma vista urbana que inclui Elevador Lacerda, Mercado Modelo, Forte

São Marcelo, MAM e Corredor da Vitória. “Você acaba vendo Salvador por outro ângulo. A gente apresenta a história, é um passeio esportivo, turístico e cultural ao mesmo tempo”, diz Jonayr.

No Canoa Bahia, os roteiros variam entre passeios contemplativos e treinos mais longos. “Tem o passeio turístico, que vai até o Elevador Lacerda, contorna o Mercado Modelo e segue até o Forte São Marcelo. Qualquer pessoa pode fazer. Não precisa saber remar”, explica. “Tem também o passeio do pôr do sol, em direção ao Corredor da Vitória, com uma parada que eu chamo de Tailândia, por causa da paisagem”, acrescenta.

Há ainda remadas mais exigentes, como o percurso até o Porto da Barra, com cerca de 10 km. “Esses são para quem já treina”, diz Jonayr. “Mas o mais bonito é que aqui todo mundo se ajuda. São 18 clubes, e a convivência é pacífica. No mar, se alguém passa um perrengue, o outro ajuda. Um monta a canoa do outro. É tudo muito unido”.

Entre os frequentadores da praia, o discurso se repete: remar na Preguiça é mais que atividade física. É um ritual. É encontro. É pertencimento. “Eu digo que não é terapia, mas é terapêutico”, define a fonoaudióloga Fabrícia Delgado, atleta do clube Imua Vida Leve. “Aqui você rema olhando para o Forte São Marcelo, para o MAM, para o Farol da Barra. É tudo cartão-postal”.

Moradora de Stella Maris, Fabrícia atravessa a cidade quatro vezes por semana para treinar na Preguiça. “O pessoal pergunta: ‘Você mora tão perto da Rua K, por que vem pra cá?’ Porque vira família. Não tem como. Todo mundo se conhece. Se alguém perde o horário do seu clube, entra em outra canoa. A galera se abraça aqui”, explica.

Fabrícia começou a remar durante a pandemia, quando buscava atividade ao ar livre. “Era o único esporte que não era em lugar fechado”, conta. “Remava

de caiaque, conheci a canoa havaiana e fui tomando gosto. Hoje eu remo quatro vezes por semana”. Os treinos começam cedo — muito cedo. “Eu chego aqui umas 4h30 da manhã”, diz. “O pôr do sol é para todos. Já o nascer do sol é para poucos”.

A rotina intensa faz parte da vida de quem compete. Vivian Vasconcelos, também atleta do Imua Vida Leve, estava na água em um treino de 30 km no dia da reportagem. “A gente saiu daqui, passou pelo Yacht Club, abriu sentido Penha, foi até a Ribeira e voltou”, conta. “É sempre desafiador”.

Segundo ela, a canoagem exige preparação completa. “Não é só força. É técnica e sincronia. Não adianta ter força se a equipe não está sincronizada”, afirma. “À medida que você vai remando, vai aprendendo. Trabalha braço, dorsal, quadril, perna. É uma atividade física completa”. Essa dimensão coletiva é um dos principais atrativos do esporte. “Você não faz nada sozinho”, diz Fabrícia. “Se não estiver todo mundo na mesma vibe, a canoa não anda”.

Renascimento pela água

No centro dessa transformação está Luciana Kroeger, fundadora do clube Imua Vida Leve. Sua trajetória reúne esporte, empreendedorismo e superação pessoal. “Foi amor à primeira remada”, diz ela, ao lembrar do primeiro contato com a canoa havaiana, há mais de dez anos. “No dia que eu sentei na canoa, falei: meu Deus, isso aqui é bom demais”.

Antes, Luciana praticava Corrida de Aventura, modalidade de esporte extremo que reúne corrida, ciclismo, navegação e técnicas verticais. “É um esporte que castiga muito. Terreno acidentado, muita chance de lesão”, explica. A canoagem entrou na rotina como descanso. “Era meu dia de desopilar o fígado”, brinca.

Aos poucos, a canoa deixou de ser complemento e virou protagonista. Luciana aprendeu a conduzir embarcações, passou a liderar passeios e a formar equipes. Mas foi durante a pandemia que a relação com o remo ganhou outro significado.

“Em 2020, eu perdi meu marido”, conta. “Ele faleceu de leucemia, em consequência da Covid, porque não pôde fazer o transplante de medula”. Foi nesse período que amigos a puxaram de volta para a água. “Eles me resgataram. Disseram: ‘Vamos voltar a remar’.”

O que começou como uma turma de amigos virou, pouco a pouco, um negócio. “Eu não tinha canoa. Alugava de amigos. Fazia passeio aqui com a galera”, lembra. Até que surgiu a oportunidade de comprar a primeira embarcação. “Vendi um carro e comprei a canoa. Ela se chama Bras, em homenagem ao meu marido, Pedro Bras”, conta.

A dedicação logo trouxe resultados. Em 2024, Luciana integrou a equipe feminina 40+ de V6 — categoria de canoa com seis remadoras — que conquistou a medalha de ouro no Pan-Americano, disputado em Niterói.

A escolha do endereço não foi aleatória. “Aqui a gente rema em águas abrigadas, na Baía de Todos-os-Santos”, explica Luciana. “Em Itapuã, é mar aberto. No inverno, muitas vezes não dá para remar. Aqui, quase todos os dias do ano a gente consegue manter a parte esportiva”.

Além disso, o Comércio oferece fluxo constante de pessoas. “Aqui passa turista, passa trabalhador, passa morador. É



“No começo, foi um trabalho de formiguinha. Pouca gente acreditava que daria certo”

JONAYR BRAGA, do clube Canoa Bahia



“O esporte mudou a praia. Não existe outra na cidade com tantos clubes de canoagem”

LUCIANA KROEGER, do Imua Vida Leve



O hidroboxe, criado há 15 anos, é uma das atrações do local



Marlene, 74 anos, aprendeu a nadar com o professor Walter, de 65

Fotos: José Simões / Ag. A TARDE

Praia da Preguiça é considerada o maior polo de canoagem havaiana de Salvador, com 18 clubes em operação



diferente”, diz. “E a Praia da Preguiça já tinha começado esse movimento de ocupação esportiva”, ressalta.

O crescimento veio aos poucos. “No primeiro ano, uma canoa. No segundo, duas. No terceiro, três”, enumera. Hoje, o clube investe também em canoas individuais, voltadas para atletas e competidores. “Ajuda a desenvolver quem quer competir e a filtrar equipes”, pontua.

A transformação da Praia da Preguiça se consolidou após a pandemia. “O *boom* aconteceu ali”, diz Jonas Braga. “Depois da pandemia, vieram vários clubes. Estourou”. Com eles, chegaram barracas, água doce para banho, estrutura mínima e, principalmente, gente. Muita gente. “Às vezes, você chega cedo e não acha vaga”, conta Fabrícia. Para quem frequenta, a mudança é evidente. “Essa praia era estigmatizada”, diz Luciana. “Hoje é esporte, convivência, saúde, turismo. A canoa puxou isso tudo”.

Outros esportes

Se a canoa havaiana puxou o movimento de ocupação da Praia da Preguiça, outras modalidades ajudaram a consolidar o espaço como território definitivo do esporte. Natação, boxe — inclusive dentro d’água — e treinos funcionais passaram a dividir a faixa de areia e o mar, ampliando o perfil de quem frequenta o local.

“Dou aula aqui desde 2020”, conta o professor de natação Walter da Silva Oliveira, 65. “Comecei vindo com minha filha e, depois que me aposentei, resolvi ensinar aqui. No Verão, estou diariamente na Preguiça”. Segundo ele, as condições do mar são ideais para iniciantes. “Aqui tem dois quebra-mares. É uma das melhores áreas de Salvador para aprender a nadar”.

Entre seus alunos está Marlene Oliveira, 74 anos, cuidadora de idosos, que descobriu a natação já adulta. “Eu não sabia nadar. Foi aqui que eu me contrei”. Para ela, o impacto foi além do físico. “Mudou tudo. Hoje eu estou outra pessoa”. Marlene frequenta a praia várias vezes por semana. “Isso aqui virou meu quintal”, afirma.

Outro pioneiro na ocupação esportiva da Preguiça é o professor de boxe Carlos Caetano, 54, com 40 anos dedicados à modalidade. “Saí da academia e trouxe o boxe para o ar livre”, diz. Há 15 anos, ele criou o hidroboxe — adaptação da modalidade dentro d’água. “Na água, você reduz impacto e lesão”, explica. A proposta, inicialmente vista com estranhamento, ganhou adeptos. “As pessoas chegavam com depressão, com a cabeça cheia, e saíam renovadas. A água transforma”, afirma. Segundo Caetano, o treino combina movimentos tradicionais do boxe com resistência da água. “Você não corre, a água te puxa. É cardio, força e respiração”, pontua.

Para ele, a mudança da praia foi gradual. “No começo, diziam que aqui era uma praia ruim. Ninguém acreditava”, lembra. “Hoje tem canoagem, natação, boxe, futevôlei, barracas. Isso aqui virou a praia do esporte”. Aos sábados, ele promove aulas abertas. “Vêm 20, 30, 40 pessoas. A comunidade abraçou”.

A percepção é compartilhada por Potira Barros, praticante de boxe e funcional, que frequenta a Preguiça há nove anos. “O esporte salvou essa praia”, afirma. Moradora do Dois de Julho, ela conta que enfrentou resistência no início. “As pessoas diziam: ‘Você vai pra Preguiça?’ Hoje, muita gente atravessa a cidade para treinar aqui”.

Até quem chegou recentemente a Salvador consegue se integrar com rapidez. Refugiado do Afeganistão, Abdul Samad vive na capital baiana há poucos meses e esteve pela primeira vez na Preguiça com os filhos justamente no dia em que a reportagem de A TARDE acompanhava o movimento. “Aqui tem muito esporte”, comentou, ao falar de suas primeiras impressões sobre a praia.

Entre remos, braçadas e socos na água, a Praia da Preguiça deixou para trás o estigma do abandono. “Hoje, quem chega tarde não encontra mais espaço vazio. Encontra gente”, resume Walter.



Após restauração que durou 15 anos, o Trapiche Barnabé reabriu em julho de 2025 e vem recebendo eventos culturais importantes

Antigos trapiches viram palcos de shows e eventos culturais na região

O Comércio fortalece sua vocação cultural ao transformar antigos espaços portuários em grandes casas de shows e eventos. Dois desses endereços carregam essa história no próprio DNA: o Trapiche Barnabé e o Cais Dourado, que já funcionaram como trapiches e hoje abrigam programação cultural variada, além de ajudarem a movimentar o bairro à noite.

À frente do Trapiche Barnabé, o empresário francês Bernard Attal diz que o calendário varia conforme a época do ano. “Esse período geralmente é mais tranquilo, porque, como tem muitos shows na cidade toda, a gente faz pouca coisa”, afirma. Ainda assim, a programação segue ativa: “No último sábado, tivemos um evento de samba, chamado Terreiro de Crioulo”.

Ao longo do ano, alguns projetos já viraram tradição, como o Festival Sangue Novo. Segundo Bernard, o evento já teve várias edições e a maioria passou pelo Trapiche Barnabé. Outro destaque é o Zona Mundi, festival que conecta música, arte e inovação e que realiza parte de sua programação no trapiche.

O espaço também abriu portas para o teatro. Em 2025,

Wagner Moura estreou, em Salvador, o espetáculo *Um Julgamento — Depois do Inimigo do Povo*, dirigido por Christiane Jahaty. A encenação marcou a volta de Moura aos palcos após 16 anos. “A gente está trabalhando para fazer outra temporada de teatro. Vamos divulgar em abril”, adianta.

Outro evento querido do público é o Biergarten Salvador, inspirado nos jardins de cerveja alemães. O Barnabé ainda recebeu, no fim de 2025, edição especial do Som de Jorge, ensaio de verão da banda Filhos de Jorge, com Mamacita, Ara Ketu e Durval Lelys.

Após processo de restauração que durou 15 anos, o Trapiche Barnabé só foi reaberto em julho

Trapiche Barnabé e Cais Dourado têm programação cultural variada e movimentam o bairro à noite

do ano passado e, desde então, vem recebendo eventos importantes. A ideia, segundo Bernard, é que o espaço siga como centro multifuncional voltado para arte, cultura, economia criativa e eventos. “Além de toda a arquitetura do século XVIII, o Trapiche possui vários espaços — muitos ao ar livre e outros fechados, de diferentes tamanhos —, o que nos dá possibilidade de fazer várias coisas”.

O empresário avalia que a revitalização do Comércio não é responsabilidade apenas do poder público, mas também da iniciativa privada. Para ele, é preciso haver mais incentivo para viabilizar investimentos e os empresários precisam despertar para o potencial da região. “A prefeitura tem o projeto Renova Centro, mas não há linhas de financiamento públicas para recuperar esses imóveis”.

Cais Dourado

Próximo do Barnabé, Mercado do Ouro e área portuária, outro antigo trapiche segue a mesma vocação cultural. O Cais Dourado é hoje um dos maiores espaços para eventos do Comércio. “O importante é a história. Essa casa inaugurou com a gen-

te e fez mais de duas ou três dezenas de shows com grandes artistas”, afirma o responsável pelo espaço, Valter Aquino. Ele lembra que o local passou por uma reforma recente e chegou a ser rebatizado, mas retomou o nome original.

Com cerca de 3 mil m² e capacidade para até 4 mil pessoas, a casa aposta na estrutura para atrair produtores. “Trata-se de uma casa de eventos. Pela metragem e pelo espaço, é uma alternativa de casas de shows em Salvador, que nós somos um pouco carentes, sobretudo na aquela região”, avalia. O modelo de funcionamento é baseado em parcerias com produtores. “O cara produz um evento dentro da nossa casa e nós fazemos um compartilhamento com ele. Temos o imóvel e toda a logística. Ambulância, segurança, limpeza, banheiros, toda a infraestrutura”.

Aquino diz que o objetivo é elevar o padrão do espaço, “ter a melhor casa da Bahia”. Outro ponto que ele destaca é a localização. “Não é residencial, não temos limite de horário. Pode amanhecer o dia, e não perturba ninguém”. **(Divo Araújo).**

Prainha do MAM, paraíso escondido

‘Escondida’ ao lado do Solar do Unhão, sede do Museu de Arte Moderna, a chamada Praia do MAM se consolidou como um dos refúgios mais procurados de Salvador para quem busca mar calmo, águas claras e pôr do sol na Baía de Todos-os-Santos. O cenário, que mistura patrimônio histórico, morros e uma pequena faixa de areia, assim como a Praia da Preguiça, atrai moradores, turistas e praticantes de esportes.

Para o canoísta e guia Jonayr Braga, o lugar tem um diferencial difícil de bater. “É a melhor praia, porque ali o sol se põe de frente”, afirma. Ele também destaca a qualidade da água: “Limpinha, cristalina. Inclusive, colado com a prainha do MAM, tem vários corais. Quem levar óculos de mergulho vai ver várias espécies de peixe”.

O acesso à praia, no entanto, nem sempre é direto. Segundo Jonayr, há uma janela pela manhã em que é possível chegar pelo complexo do museu. “Quem chega até 9h pode ter acesso por dentro do MAM. De 9h às 5h da tarde, só tem acesso através dos barquinhos, que custam R\$ 10”, explica. A travessia parte da região da Gamboa e leva poucos minutos.

O modelo divide opiniões. Enquanto frequentadores elogiam o passeio curto pelo mar e a paisagem, há quem critique a dependência das embarca-



Praia do MAM é reduto de quem busca mar calmo, águas cristalinas e prática de esportes

ções e o custo da travessia. Em avaliações nas redes sociais, alguns visitantes relatam desconforto com a obrigatoriedade do transporte por barco e questionam a segurança. Outros consideram a experiência parte do charme do passeio.

Na faixa de areia, a estrutura é enxuta, mas suficiente para passar o dia. “Hoje a praia conta com quatro barracas, que fornecem tudo, do acarajé ao drink”, conta. Sobre os preços, ele garante que não fogem do padrão das praias mais conhe-

cidas da cidade: “Preço acessível, geralmente bate com os preços da Praia da Barra”.

O movimento varia conforme o clima — e a fama crescente do lugar. “Dia de sol, você tem que chegar cedo, porque é muita gente”, alerta. Apesar da presença de visitantes de fora, o público é majoritariamente local. “A maioria é morador. Tem turista também, mas a maioria é daqui”, diz.

As condições naturais são apontadas como um dos maiores atrativos. A enseada tem

mar geralmente manso, sem ondas fortes, o que favorece o banho e atividades esportivas. “Lá o mar é calminho e a água é transparente”, resume Jonayr.

A região é ponto frequente de canoas havaianas, stand up paddle e outras práticas a remo. O próprio roteiro da Canoa Bahia inclui paradas por ali. Para quem gosta de observar a vida marinha, ele reforça o convite: “É ótimo pra mergulho de óculos, pra pessoa ver aqueles peixes”.

Com sabor de alma

GASTRONOMIA RESTAURANTES DO COMÉRCIO VALORIZAM A HISTÓRIA E O PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO, CRIANDO EXPERIÊNCIAS MEMORÁVEIS QUE TRADUZEM A ESSÊNCIA BAIANA

PRISCILA DÓREA

Entre casarões centenários e a vista deslumbrante da Baía de Todos-os-Santos, o Comércio se consolida como polo gastronômico que une tradição e modernidade, atraindo moradores e turistas em busca de sabores que traduzem a alma baiana. Conhecido pela importância histórica e arquitetônica, o bairro vai além da comida quando o assunto é gastronomia — os restaurantes valorizam a história, criando experiências culturais memoráveis.

“O que me fez conhecida foi a minha força”, diz Suzana de Almeida Sapucaia, dona do Ré Restaurante Dona Suzana. Instalado no Solar do Unhão, o espaço entrega o que há de melhor na região: mar, aconchego e boa comida. Suzana teve sua história contada na Netflix (*Street Food: América Latina*, 2020) e recebe dezenas de clientes todos os dias. “Sou baiana, e minha comida é o que me mantém viva. Hoje, aos 70 anos, sigo trabalhando para sobreviver e sou feliz, porque realizei o sonho de ter meu próprio negócio”.

Famosa pela moqueca em vários sabores, Suzana acompanhou de perto as mudanças da região. Algumas, inclusive, começaram a partir dela. “Fui a primeira a abrir um restaurante no Solar, e a região só foi crescendo. Hoje você consegue comer de tudo. O Comércio como um todo tem mudado e crescido muito. É um bairro que sempre tem seus altos e baixos, mas acho que agora está em um desses momentos bons”, avalia.

O movimento gastronômico atual vem sendo influenciado pela revitalização pela qual o Comércio passa, o que reforça sua vocação como espaço de convivência e lazer. Proprietária do Dona Mariquita, Leila Carreiro conta que, quando foi convidada para instalar o restaurante na região, olhou para Itaparica, do outro lado da baía, e imaginou um espaço com base nas memórias afetivas dos veraneios na ilha.

“O público acabou vindo atrás dos clássicos do Dona Mariquita do Rio Vermelho, como sarapatel, rabada, feijoada e moqueca, então precisei adaptar a proposta. Mas não criei nada, meu trabalho é de pesquisa: leio livros antigos e procuro ingredientes, formas de preparo e apresentações que deixaram de ser usadas ou foram descaracterizadas. Foi assim que trouxe a poqueca para o menu, moqueca servida em folha de bananeira. A receita é de Prado, no extremo sul da Bahia, e duas clientes me ensinaram”, explica Leila.

Vizinho da inigualável comida patrimonial do Dona Mariquita, a gastronomia regional e contemporânea do espaço criado pela editora de Fernando Oberlaender, a Caramurê, mistura arte, literatura, cultura e bons sabores. “Há 30 anos trabalhamos com literatura e decidimos unir essa arte à gastronomia e à música. Queríamos um espaço que tivesse uma vista aprazível e que refletisse a beleza estonteante da nossa cidade. Tem sido incrível, mas apostar nessa área continua sendo desafiador”, explica Marzia Chastinet, que comanda o restaurante

Moqueca

RÉ RESTAURANTE

Com a brisa do mar no rosto e ao som das ondas quebrando na praia da Gamboa, a moqueca de Dona Suzana — que pode ser de peixe, polvo, camarão, lagosta ou tudo junto — vem acompanhada de arroz, farofa, pirão e gosto da Bahia.

R. DA CONCEIÇÃO DA PRAIA, 1294-1490 - SOLAR DO UNHÃO



Uendel Galter / Ag. A TARDE

Suzana: ‘Sou baiana, e minha comida é o que me mantém viva’

com o marido Fernando.

Todos os pratos do Caramurê são nomeados com títulos de livros e poemas. Um exemplo é o arroz de coco cremoso com camarão flambeado em uísque e cachaça, abacaxi e farofinha de castanhas, que se chama *Mar que nos abraça* (Marcus Vinícius Rodrigues). “O meu preferido é o *Navegação Kirimurê*, um gnocchi de banana da terra com molho de moqueca de camarão, inspirado no poema de um amigo”, conta Fernando Oberlaender.

Veterano no Comércio, o Restaurante Juarez já tem 70 anos, com o mesmo carro-chefe: o filé mignon alto. Tostado por fora e vermelho/suculento por dentro, o prato é chamado por muitos de ‘diamante

negro’. Muitos turistas — do Brasil e do exterior —, e locais vão ao Comércio só para se deliciar com o prato mais famoso. “O filé do Juarez é quase uma lenda, né? Minha mãe, que trabalhava no Comércio há uns 30 anos, lembra até hoje dos almoços no Juarez e diz que não existe filé igual ou melhor”, conta a cabeleireira Luísa Santana.

A história do Juarez começou em 1955, quando o italiano Luís Miranda Formigli e o baiano Juarez Zenóbio da Silveira, natural de São Félix, amigos de longa data, resolveram abrir uma cantina. A receita do famoso filé foi ensinada por um amigo de Juarez, que deu alguns toques próprios. “Na baixa temporada, saem em média 30 filés por dia, na

alta chega a 80. Vem gente de todo o mundo e clientes antigos sempre falam como o sabor continua o mesmo. Isso é tradição, não é?”, conta o atual gestor, Agnoel Torres de Freitas, filho de consideração de Juarez.

Por falar em Itália, é mostrando o melhor da união entre a comida baiana e a italiana que o Mistura Contorno completa dez anos e é o ‘irmão mais novo’ do espaço de Itapuã. “O conceito do Mistura Contorno é trabalhar com produtos frescos e trazer para a mesa ingredientes de qualidade, valorizando também as associações e produtores locais. É um restaurante para celebrar e contemplar a natureza, pois estamos debruçados sobre a baía”, explica a chef e proprietária, Andréa Ribeiro.

Comerciantes unem tradição e inovação

O bairro sempre foi sinônimo de atividade comercial e efervescência econômica. Com uma história marcada por armazéns, portos e negócios dos mais diversos tipos — desde lojas esportivas até de lembrancinhas da Bahia —, que movimentaram a capital baiana por décadas, a região agora vive um processo de renovação: novos empreendimentos, serviços e iniciativas de revitalização estão resgatando sua importância e transformando o Comércio em espaço moderno, que une tradição e inovação no coração da cidade.

Wagner Nobre, proprietário da loja Midas Sport, localizada na Rua Corpo Santo — conhecida como Rua



José Simões / Ag. A TARDE

Wagner: ‘Vale realmente a pena investir no Comércio’

dos Esportes —, ainda recorda do tempo em que ele, criança, percorria a rua atrás de camisas de time e itens esportivos. “Chegavam a formar filas longas pela rua, era uma outra época. O Comércio mudou bastante, mas muitas lojas continuam aqui. Estou aqui com a Midas há cerca de seis anos, o movimento tem seus altos e baixos, mas acreditamos que iniciativas como os museus e outros equipamentos ajudam a revitalizar a região”, afirma.

Hoje, 20% das vendas da loja vêm das redes sociais, conta Wagner, apontando que da mesma forma que o bairro precisa se renovar, os comerciantes também têm que

buscar a modernização. “E digo mais: vale realmente a pena investir no Comércio”, garante.

Quem concorda com isso é o proprietário da Cantinho do Gaguau, Valter Souza, que vende lembrancinhas e itens de couro no Mercado Modelo. “Estou aqui há mais de 55 anos, primeiro ajudando meu pai a vender farinha no antigo Mercado, e em 1970 já com minha loja. O movimento passa por altos e baixos, mas é ótimo no verão. Tem chegado coisa nova no Comércio, mas espero que invistam ainda mais. É um caminho longo e precisa de força de vontade, mas nada me tira daqui, porque acredito muito nesse bairro”, afirma.



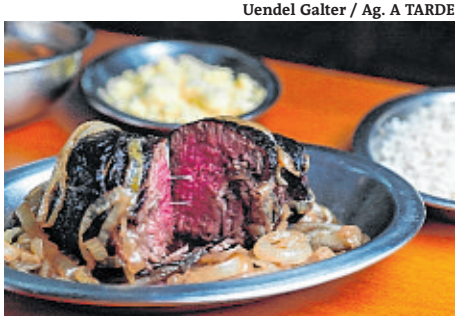
Mariana Sotero / Divulgação

Poqueca

DONA MARIQUITA

Um prato que nos leva de volta ao passado, a Poqueca é um tipo de moqueca servida junto com pirão e dentro de uma folha de bananeira, que entrega um sabor e experiência únicos.

AV. DA FRANÇA, S/N - DOCAI



Uendel Galter / Ag. A TARDE

Filé mignon alto

JUAREZ

Uma receita com décadas de sucesso, o filé do Juarez é acompanhado de arroz, feijão, salada e farofa. O prato pode ser completado, à parte, com batata frita e deliciosos pastéis.

AV. JEQUITAIA, 03



Divulgação

Segredo das Pipas

CARAMURÊ

Em um ambiente que respira arte, literatura, música e boa comida, esse prato é composto por purê de banana da terra, fumeiro desfiado, arroz branco e crispy de aipim, uma mistura de sabores que inspira poesia.

AV. DA FRANÇA, S/N - DOCAI



Uendel Galter / Ag. A TARDE

Frutos do mar

MISTURA

Para um espaço com uma vista privilegiada da Baía de Todos-os-Santos, o grelhado de frutos do mar é um prato parece uma deliciosa obra de arte. Respeitando o tempo de cocção e tipo de preparo de cada ingrediente, ele é composto por lagosta, camarão, salmão, lagostim, lula, vieira e polvo, acompanhados de batatas e brócolis.

LADEIRA DO GABRIEL - 334, NO CLOC MARINA RESIDENCE

Centro de cultura

IMERSÃO DE ANTIGO CENTRO FINANCEIRO, COMÉRCIO SE REPOSIÇÃO COMO TERRITÓRIO DE ARTE, MÚSICA E CRIAÇÃO

Denisse Salazar / Ag. A TARDE



Olga Leiria / Ag. A TARDE



CLAUDIA LESSA

Aquele que já foi o principal centro financeiro da capital baiana carrega história, cultura, religiosidade e belezas cercadas pelas águas da Baía de Todos-os-Santos. O bairro do Comércio, onde ficam as estações inferiores do Elevador Lacerda e Plano Inclinado, concentra outros importantes monumentos, como Forte de São Marcelo, Basílica da Conceição e Igreja dos Órfãos de São Joaquim, além da Casa das Histórias de Salvador, Porto de Salvador e Doca 1—Polo de Economia Criativa. Abriga, ainda, a Cidade da Música e a Galeria do Mercado.

Instalada no Casarão dos Azulejos Azuis, próximo ao Mercado Modelo, em área de quase 2 mil m², a Cidade da Música oferece imersão cultural através de moderna tecnologia. Nos quatro pavimentos do equipamento gerenciado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secult), o visitante é convidado a fazer uma viagem no universo sonoro soteropolitano e nos acervos permanentes, sob as curadorias do antropólogo Antonio Risério e do arquiteto e artista visual Gringo Cardia.

Seja MPB, samba-reggae, rock, pagode ou axé, entre outros gêneros, Salvador tem na música uma de suas mais fortes manifestações culturais. Na Cidade da Música, essa representatividade é celebrada e difundida desde 2021. Através de recursos audiovisuais, a história da música é contada desde os tempos da colonização até a explosão atual de diversidades sonoras. O centro cultural proporciona, ainda, a produção de novas linguagens musicais, com aparelhamento técnico e estúdios.

Ao programar a 1ª vinda a Salvador, o professor universitário de Artes, Luiz Antônio Mendonça, conta que a Cidade da Música aparecia com destaque em suas pesquisas. Interessado em arte, moda, ilustração, desenho, cinema e música, o turista paulista diz ter se deparado, na internet, com conteúdo que despertou a sua atenção. “Assisti a vídeos no YouTube, e o chat GPT também ajuda a formatar seu itinerário. Não cheguei a ver muitas imagens, mas o que vi foi o suficiente para me interessar por essa visita à Cidade da Música, justamente pelo seu contexto cultural relacionado à história musical da Bahia”, relatou.

Adri Gomes, mediadora cultural da Cidade da Música, conta que sua experiência no espaço, onde atua há oito meses, tem sido enriquecedora. “Eu sou da Suburbana. Então, por muito tempo, foi difícil acessar o Centro Histórico. Só quando me tornei adolescente que fui conhecer mais essa área da cidade. Estar aqui, neste lugar, fez com que eu entendesse um pouco mais da história da minha própria cidade e da minha história de vida, porque são pessoas que se parecem comigo, que cantam coisas que eu vivo e que, de certa forma, estão me representando”, relata Adri, que também é MC de Batalha (artista de rap ou hip-hop que participa de competições de rima improvisada) e estudante de Bacharelado Interdisciplinar em Artes, na Ufba.

A música, para Adri, é uma forma de resistência e de combate às violências estruturais. “O fato de a Cidade da Música ter sido implantada nesse território,

Instalada no Casarão dos Azulejos Azuis, a Cidade da Música oferece imersão com tecnologia

Doca 1 funciona como centro de convergência de talentos e empreendedores de Salvador



Denisse Salazar / Ag. A TARDE

CASA DAS HISTÓRIAS

Experiência imersiva

Localizada na Rua da Bélgica, a Casa das Histórias de Salvador abriga a memória de Salvador por meio de reproduções, conteúdos digitais e/ou linguagens interativas. O material busca estimular a interação com o visitante nesse espaço de saberes e reflexão sobre a história e as dinâmicas que constroem a cidade no seu dia a dia e que vêm a transformando ao longo de quase cinco séculos. O espaço busca reforçar a capital baiana como um dos principais centros urbanos, paisagísticos, arquitetônicos e culturais do país, valorizando seu patrimônio e estimulando ainda mais seu potencial turístico. Concebida como Centro de Interpretação do Patrimônio, o equipamento se propõe a promover uma experiência imersiva capaz de provocar sentidos e estimular conexões sobre a cidade.

Olga Leiria / Ag. A TARDE



MONUMENTO À CIDADE

Ícone modernista

Criado por Mário Cravo Júnior, o Monumento à Cidade do Salvador, também conhecido como Fonte da Rampa do Mercado, é um cartão-postal de Salvador de valorização da arte moderna e da memória do autor. Trata-se de uma icônica escultura modernista, implantada em 1970, com uma fonte luminosa, na Praça Visconde de Cairu, próxima ao Mercado do Modelo. A obra é tombada e teve sua estrutura reconstruída e reinaugurada em 2023, após um incêndio em 2019.

Olga Leiria / Ag. A TARDE



GALERIA DO MERCADO

Mergulho na história

Instalada no subsolo do Mercado Modelo, a Galeria do Mercado foi entregue pela Prefeitura de Salvador em janeiro de 2024 com a proposta de proporcionar um mergulho na história, através da contemporaneidade das exposições permanentes. A galeria abriga peças como as esculturas de Exu, da série *Cabeças de Tempo*, de Mário Cravo Jr.; as obras em concreto de Rubem Valentim, da série *Templos de Oxalá*; a instalação *Lágrimas*, de Vinícius S.A.; e a escultura *São José*, de Zé Eugênio. Além disso, um conjunto de 16 imagens conta a história do local, da construção ao incêndio de 1984. As fotografias passam por festas e personalidades como Maria de São Pedro e Camafeu de Oxóssi, que dão nome aos restaurantes do Mercado Modelo, Mãe Menininha do Gantois, Mãe Senhora e o músico Chocolate da Bahia.

Ivo de Wit / Ag. A TARDE / 2.8.2024



ARQUIVO PÚBLICO

Memória preservada

Integrado à Casa das Histórias de Salvador e sediado no mesmo espaço, o Arquivo Público abriga um vasto acervo documental, sendo espaço de pesquisa e difusão cultural, que oferece visitas agendadas. O ambiente, projetado e erguido para hospedar um dos maiores acervos documentais das Américas, foi reorganizado, restaurado e digitalizado. Aberto à visitação e às consultas públicas, o local tem como objetivo preservar a memória da primeira capital do Brasil por meio de mais de quatro milhões de documentos.

Luan Teles (Secult-Salvador) / Divulgação



Denisse Salazar / Ag. A TARDE



“Doca 1 reúne envolvidos com o capital criativo e inovador”

GUILHERME MUNIZ, produtor

Denisse Salazar / Ag. A TARDE



“Estar aqui fez com que eu entendesse mais a história da cidade”

ADRI GOMES, Cidade da Música

que carrega muito da nossa história, é muito importante para que a população de Salvador se entenda como pertencente, se veja, se sinta feliz e celebre a nossa diversidade, que é além da música. E como MC de Batalha, participo de uma atividade que acontece aqui, às quartas-feiras. É muito importante este espaço também para mostrar que a capital baiana tem muita cultura e que há espaço pra todo mundo falar e se expressar. Acho que a música é isso: vida”.

A também mediadora cultural da instituição, Maria Clara Fortunê, destaca as práticas musicais e conexões que a Cidade da Música oferece. Das atrações do último pavimento, ela chama atenção para as três salas de karaokê, nas quais o público é convidado a cantar e se divertir, bem como a Sala do Rap e Trap, dedicada aos talentos da cena local, sob a curadoria do rapper baiano Dade Vandal. “Há, ainda cabines interativas voltadas a projetos educacionais/musicais, como o Neojibá e Ilê Ayiê, à história da percussão e à experiência da mixagem. A cereja do bolo é o nosso estúdio de percussão, que oferece instrumentos musicais e efeitos sonoplásticos, além de workshops”.

Economia criativa

Outro equipamento que atrai baianos e turistas é o Doca 1 — Polo de Economia Criativa, na Avenida da França, inaugurado em 2022 para impulsionar o setor. O ambiente colaborativo é destinado a artistas e criadores desenvolverem projetos, visando integrar diferentes áreas e estimular o desenvolvimento cultural e econômico da cidade, como explicou o produtor do espaço, Guilherme Muniz.

O Doca1 funciona como centro de convergência de talentos e empreendedores. Com infraestrutura moderna, o local abriga restaurante, café-literário, loja colaborativa e coworking, além de oferecer oportunidades comerciais, como a realização de eventos corporativos e a produção de conteúdo audiovisual.

“É espaço criado para concentrar e fomentar a cadeia produtiva criativa local, incentivar novos talentos, promover a qualificação de mão de obra criativa e aproximar empresas e trabalhadores envolvidos com o capital intelectual, criativo e inovador”, pontua Muniz.

CLAUDIA LESSA

Com sua obra de construção prevista para começar em junho deste ano, a Ponte Salvador-Itaparica beneficiará diretamente a Cidade Baixa, através de seus acessos viários e túneis, bem como impulsionará o desenvolvimento de toda a Região Metropolitana e Baixo Sul da Bahia, integrando logística, turismo e economia. Porta de entrada portuária de Salvador, o Comércio está entre os bairros da região que tendem a se recuperar economicamente, de acordo com o governo do Estado. O sistema promoverá a integração entre a capital baiana e o interior, por meio da ligação com as rodovias BR-101, BR-116 e BR-242. O investimento estimado é de, aproximadamente, R\$ 12 bilhões, entre recursos privados e contrapartida do Estado.

“Como teremos uma expansão urbana próxima novamente à região do Comércio, a tendência é que o bairro volte a se fortalecer e tenhamos impactos no desenvolvimento do turismo, da habitação e dos serviços, entre outros setores. E não só para o Comércio, mas para toda essa região central, estendendo até a Avenida Sete de Setembro, Baixa dos Sapateiros e Península de Itapagipe, que devem ter um fortalecimento dessas funções que ficaram reduzidas ao longo do tempo com o crescimento que se deu em direção a outros eixos”, avalia o titular da Secretaria Extraordinária do Sistema Viário Oeste Ponte Salvador-Itaparica (SVPonte), Mateus Dias.

Ele destaca que a Ponte Salvador-Itaparica tem, hoje, a dimensão de principal projeto estruturante do ponto de vista de acessibilidade logística para a Região Metropolitana de Salvador. “Salvador tem, praticamente, apenas uma grande artéria logística, que é a BR-324 e que já está saturada. A ponte será uma válvula de escape para a cidade, sobretudo para a logística. Vai ser, também, um novo eixo de expansão urbana para a RMS, porque nossa geografia é uma península, o que basicamente obriga o avanço do crescimento urbano em um só sentido. Teremos, ainda, a redução do tempo de viagem do interior para a capital, facilitando o fornecimento de serviços especializados que

Ponte para o futuro

DESENVOLVIMENTO ESTRUTURA QUE LIGARÁ SALVADOR A ITAPARICA VAI BENEFICIAR DIRETAMENTE O BAIRRO DO COMÉRCIO E TODA A PENÍNSULA DE ITAPAGIPE



Estratégia fundamental para o desenvolvimento, a nova ponte também facilitará a logística envolvendo o Porto de Salvador

Porta de entrada portuária de Salvador, o Comércio está entre os bairros da região que tendem a se recuperar economicamente com a chegada da Ponte Salvador-Itaparica

acabam centralizados em Salvador”, pontua Dias.

A Ponte Salvador-Itaparica impulsionará também o desenvolvimento econômico e social em áreas do Estado que hoje “estão um pouco à margem da dinâmica de desenvolvimento econômico da RMS”, como considera o gestor da SVPontes. “O impacto será grande para regiões como Recôncavo, Baixo Sul e Chapada Diamantina, além da região cacaueira, e em muitos setores, como turismo, construção civil, imobiliário, logística, serviços, indústria. E ainda há o impacto do próprio investi-

mento da obra, que cria uma dinâmica econômica muito forte na área”, destaca.

O diretor-presidente da Autoridade Portuária Federal - Codeba, Antonio Gobbo, enfatiza que a Ponte Salvador-Itaparica irá facilitar o fluxo entre a capital e o Recôncavo Baiano, com a expectativa de impulsionar setores como os de serviços, varejo e imobiliário corporativo. “Levando em conta os mais de quatro milhões de pessoas diretamente impactadas pelo empreendimento e cerca de 5,4 milhões de habitantes nos 200 municípios na área de in-

fluência do novo sistema viário projetado, considero o projeto como um empreendimento emblemático, que muda totalmente, e para melhor, o desenho estruturante da logística baiana” (confira entrevista completa na página 10).

Fase de licenciamentos

O projeto de implantação do Sistema Rodoviário Ponte Salvador-Itaparica, que foi delegado à iniciativa privada através de contrato de Parceria Público-Privada (PPP), na modalidade de concessão patrocinada, representa um novo vetor

de distribuição de renda e de desenvolvimento econômico de diversas regiões, a partir da atração de novos empreendimentos nos setores de logística, indústria, comércio, serviços, mercado imobiliário e turismo, conforme o governo do Estado.

O projeto da Ponte Salvador-Itaparica está na primeira fase, que é a de obtenção dos licenciamentos, como a licença ambiental; o alvará de construção; e as autorizações da Marinha, da Secretaria de Patrimônio da União e de outros órgãos. “Esta fase já está avançada e o cronograma está de acordo com o que foi definido no aditivo assinado em junho do ano passado, intermediado pelo Tribunal de Contas do Estado. Devemos iniciar as obras na metade de 2026, com previsão de cinco anos”, afirma o titular da SVPonte, Mateus Dias.

Além de supervisionar diretamente a obra de engenharia, a SVPonte exerce funções de planejamento e articulação institucional entre os diversos órgãos do Estado que têm ações transversais ao projeto da ponte. “A gente faz uma coordenação de planejamento integrado para que essas ações, como saneamento, desenvolvimento urbano, solução para resíduos sólidos e até mesmo educação, saúde e segurança pública, estejam de acordo com o projeto de desenvolvimento que é ancorado no sistema viário. Nesses casos, não nos cabe supervisionar essas ações, mas realizar o planejamento e articulação com esses órgãos”, explica.

Bahiagás pretende expandir a atuação na região

Responsável pela distribuição de gás natural no território baiano, a Bahiagás – Companhia Baiana de Gás investiu mais de R\$ 2,7 milhões em rede de dutos na Cidade Baixa. No Comércio, a empresa atende ao Restaurante Popular, 1º cliente do bairro, desde 2016; Mercado Modelo, onde há 15 lojas consumindo; restaurantes Dona Mariquita e Caramurê, no Doca 1; Feira de São Joaquim; Condomínio Residencial Adelaide; e Instituto do Cacau.

A Bahiagás pretende expandir a atuação na região. A Bahia Marina, por exemplo, já teve a rede de distribuição instalada, mas ainda sem data prevista para o início das atividades. Outra rede será construída para servir ao Restaurante Sesc, dependendo apenas de anuência dos órgãos públicos. Além disso, há negociação com postos de combustíveis para futuro fornecimento de gás natural.

“Por meio do gás natural, a Bahiagás proporciona energia mais limpa, segura e eficiente, gerando mais competitividade aos empreendimentos locais. Tudo isso não só estimula o crescimento do bairro, como também torna o Comércio um lugar cada vez mais atrativo para os baianos”, defende o diretor-presidente da companhia, Luiz Gavazza. A diretora técnica e comercial, Larisse Stelitano, reforça a importância da empresa na região. “Para a Ba-

hiagás, estar presente no Comércio é contribuir para a revitalização do bairro, fortalecer a economia local e incentivar um desenvolvimento mais sustentável, respeitando a importância histórica da região”.

São muitos os benefícios do gás natural para o bairro, entre eles a atração de novos empreendimentos, já que a infraestrutura do combustível fóssil torna o lugar mais atrativo para restaurantes, hotéis, serviços de saúde e comércio em geral. A alternativa renovável promove também o fortalecimento da economia local, gerando mais empregos e aumentando a circulação de renda na região.

A direção da Bahiagás enumera, ainda, a valorização urbana e imobiliária; a redução de impactos ambientais com a menor emissão de poluentes e do tráfego de caminhões para entrega de botijões, contribuindo para a diminuição de congestionamentos; e o desenvolvimento sustentável do território, já que o gás natural proporciona um crescimento econômico equilibrado.

Clientes da Bahiagás, reforça Larisse, têm o benefício “de reduzir custos operacionais, já que o gás natural é mais econômico e estável que outras fontes de energia, permitindo melhor planejamento financeiro e aumento da competitividade”. Outro ponto positivo é o fornecimento contínuo e confiável.

Potencial de novo cartão-postal

Com 12,4 km de extensão sobre a Baía de Todos-os-Santos, a Ponte Salvador-Itaparica será a maior da América Latina sob lâmina d’água. A expectativa é que os mastros principais da estrutura alcancem 218 m de altura, superando monumentos turísticos como o Elevador Lacerda (72 m), Farol da Barra (62 m) e Cristo Redentor (38 m), podendo vir a se tornar um novo cartão-postal da Bahia.

A ponte vai se conectar da região do Terminal Marítimo São Joaquim (Ferry-Boat) à Gamelaireira, no município de Vera

Cruz, que deverá receber uma nova rodovia. O projeto inclui, ainda, a duplicação de trechos da BA-001. O prazo final de

O prazo final de entrega da obra da ponte, de acordo com a previsão do governo estadual, é junho de 2031

entrega, de acordo com a previsão do governo estadual, é junho de 2031.

A construção da Ponte Salvador-Itaparica prevê uma série de intervenções com impactos positivos para a economia e a infraestrutura baianas, conforme relatou o secretário-chefe da Casa Civil da Bahia, Afonso Florence, durante a apresentação do projeto na Assembleia Legislativa da Bahia, há quatro meses. Em Salvador, também serão implantados túneis e viadutos, que permitirão a conexão da ponte com a Via Expressa, além das avenidas

Jiquitaia e Engenheiro Oscar Pontes.

O projeto é resultado de uma Parceria Público-Privada (PPP) entre o governo da Bahia e um consórcio chinês formado por dois grandes rupos que estão entre os maiores do mundo no segmento de construção e infraestrutura: China Civil Engineering Construction Corporation (CCECC) e China Communications Construction Company (CCCC). A construção terá duração de cinco anos a partir da montagem do canteiro de obras, prevista para este ano.

Olga Leiria / Ag. A TARDE

Divulgação

ENTREVISTA Antonio Gobbo, diretor-presidente da Autoridade Portuária – Codeba

‘PONTE MUDARÁ O DESENHO DA LOGÍSTICA BAIANA’

Manuela Cavadas / Codeba / Divulgação

CLAUDIA LESSA

Em entrevista ao A TARDE BAIRROS, o diretor-presidente da Autoridade Portuária Federal – Codeba, Antonio Gobbo, fala sobre as expectativas quanto à chegada da Ponte Salvador-Itaparica em relação a setores como os de serviços, varejo e imobiliário corporativo, além da atuação do órgão para viabilizar o tráfego marítimo com a construção do equipamento. O gestor aborda, ainda, a projeção de movimentação portuária este ano, entre outros assuntos. Confira!



RAIO-X

Quais os principais benefícios que o setor portuário estadual terá com a Ponte Salvador-Itaparica?

Considerando os mais de 4 milhões de pessoas diretamente impactadas pelo empreendimento e cerca de 5,4 milhões de habitantes nos 200 municípios na área de influência do novo sistema viário projetado, considero o projeto como um empreendimento emblemático, que mudará totalmente, e para melhor, o desenho estruturante da logística baiana. Entre os benefícios que a ponte trará, cito a economia de tempo e recuperação de deseconomias com custos indiretos de transporte no contorno de Itaparica e na limitação do sistema de ferry-boats, além da incorporação de um novo vetor imobiliário de ocupação às margens do novo sistema viário. Os benefícios para a competitividade do transporte de carga também podem ser significativos, o que permitiria aumentar a competitividade dos canais de acesso ao Porto de Salvador, através de uma nova rota de escoamento.

Dentro da atuação da Autoridade Portuária – Codeba relacionada à dragagem e canalização, o que já foi feito até o momento?

A licitação para o aprofundamento do canal de acesso para 17 metros de profundidade está em etapa final de tramitação, com um ano de antecipação em relação ao cronograma original. Isso foi possível graças à estreita coordenação entre a Autoridade Portuária, o governo do Estado e a Casa Civil da Presidência da República, além da Marinha do Brasil, a Praticagem da Bahia e o próprio Consórcio da Ponte, no sentido de ajustar condicionantes técnicas, estudos de manobra-

bilidade e ajustes no projeto do sistema viário e de mobilidade urbana. Foi redefinida a geometria do canal de acesso para atender às condicionantes principais. Dependemos, agora, da tramitação do licenciamento ambiental da obra, pelo Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), para lançar o edital. Além disso, a Autoridade Portuária também iniciou um processo de requalificação técnica do cais público para alargamento e aumento da profundidade, no mesmo sentido do aumento da capacidade operacional.

Em relação à Guarda Portuária, qual foi o investimento da Codeba?

Fizemos investimentos em equipamentos e treinamento para a Guarda Portuária, incluindo veículos, lanchas de patrulha e armamento e inauguramos, em dezembro, o Centro Integrado de Segurança Pública Portuária, no Porto de Aratu, o primeiro no País voltado à integração da Codeba e dos órgãos de segurança pública, além do Ibama e da PM-BA (Polícia Militar da Bahia) não apenas pelo compartilhamento de técnicas de segurança, mas pela ampliação da prevenção e combate ao crime organizado nas áreas portuárias, a partir de uma ação articulada. O espaço conta com auditório, sala de treinamento de defesa pessoal e estande de tiro. Este ano, também será implantado, no Porto de Salvador, o Grupamento Marítimo do Corpo de Bombeiros Militar da Bahia. Essas ações voltadas à segurança pública e combate ao crime organizado são parte da missão da Autoridade Portuária Federal - Codeba como instalação estratégica do governo federal.

Graduado em Engenharia de Produção e Tecnologia Ambiental, com MBA Internacional em Gerenciamento de Projetos pela FGV/UCI e especialização em Finanças e Concessões de Infraestrutura nos setores público e privado de transportes e logística, Antonio Jose Rodriguez de Mattos Gobbo, 59, acumula 25 anos de carreira, contabilizando larga experiência em desenvolvimento de grandes projetos de infraestrutura no Brasil, África e Oriente Médio, além de parcerias estratégicas na Ásia. A ponte rodoviária na Argentina, no valor de 20 milhões de euros; o sistema de fachada do Aeroporto Internacional de Santiago, no Chile; os estudos de tráfego de impacto do Aeroporto de Goiânia – Santa Genoveva, no Estado de Goiás; e o plano Diretor de Transportes de Porto Velho-Rondônia são alguns exemplos. Desde 2023, o executivo ocupa o cargo de diretor-presidente da Autoridade Portuária Federal na Bahia – Codeba. Atualmente, também atua como presidente do Conselho de Administração do Cluster Tecnológico Naval da Bahia.

Qual a expectativa da Codeba em relação à projeção de movimentação portuária neste ano?

Os portos administrados pela Autoridade Portuária Federal – Codeba alcançaram, em 2024, o marco de mais de 13,7 milhões de toneladas em cargas movimentadas. Entre janeiro e novembro de 2025, os portos públicos baianos movimentaram quase 12 milhões. Com a consolidação dos dados anuais, este número deve aumentar. Já para o ano que se inicia, a nossa expectativa é de um incremento significativo dos índices gerais, principalmente o Porto de Aratu-Candeias, que passa a operar também graneis sólidos em larga escala, além dos tradicionais petroquímicos.

Com o anúncio recente do governo federal de um conjunto de obras de infraestrutura para o setor portuário, quais os investimentos atuais da Codeba?

Estamos investindo em atualização tecnológica e transformação digital dos processos de gestão, em controles de segurança física e cibernética e em planejamento do tráfego marítimo na Baía de Todos-os-Santos. O projeto já foi apresentado junto à Diretoria de Hidrografia e Na-

Ações voltadas à segurança pública e combate ao crime organizado são parte da missão da Codeba

Nossos portos alcançaram, em 2024, mais de 13,7 milhões de toneladas em cargas

Investimos em diversas ações permanentes de gestão ambiental nos portos da Bahia

vegação da Marinha (DHN), em outubro, com o objetivo de obtermos autorização para a implantação do VTMS (Real-time Traffic Monitoring), sistema que garantirá mais segurança náutica e maior fluidez nas operações executadas nos portos públicos e privados da Bahia, bem como nas áreas monitoradas pela companhia. Esse sistema funciona como a torre de controle dos portos, e a operação será executada juntamente com a Marinha do Brasil e compartilhada com outras forças de segurança. Outro investimento é o reforço da Segurança Portuária, com a aquisição de equipamentos, lanchas, armamentos, treinamento e capacitação com simulação embarcada, em parceria com a Polícia Federal, além de curso de Operador de Aeronaves Remotamente Pilotadas para uso de drones nas operações de segurança. Além disso, a Bahia receberá US\$ 2,5 bilhões de investimentos para descomissionamento de plataformas e construção de novas embarcações. O envio de duas plataformas desativadas para descomissionamento na Bahia e a construção de novas embarcações no Estaleiro Enseada, em Maragojipe, prevê a geração de cerca de cinco

mil empregos.

Que projetos de sustentabilidade ambiental foram abraçados pela Codeba?

Um conjunto de ações de gestão de resíduos do Porto Organizado, vinculadas ao Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos (PGRS), é realizado sob a coordenação da Gerência de Meio Ambiente e Segurança do Trabalho (GMAST) da Codeba, a exemplo da Operação Verão Porto Limpo e de ações permanentes de gestão ambiental nos portos da Bahia, como limpeza de praias, mutirões em áreas terrestres, campanhas de educação ambiental, ações de sensibilização sobre o descarte correto de resíduos, oficinas de compostagem e reaproveitamento, apoio a iniciativas comunitárias e parcerias com órgãos públicos e instituições locais. Por meio do projeto Porto-Cidade, a Codeba realizou o estudo e iniciou a adequação na infraestrutura para a redução dos impactos ambientais e a promoção do desenvolvimento sustentável das populações que vivem no entorno dos portos. Outra iniciativa é o projeto de descarbonização e eletrificação dos cais, iniciado no Porto de Salvador, com a instalação de tomadas para abastecimento elétrico dos rebocadores que fazem as manobras dos navios. Também será feito o mapeamento do potencial de captura de carbono da Baía de Todos-os-Santos, que será conduzido sob coordenação da Unesco. Cabe destacar que a Codeba adquiriu o certificado internacional I-REC (International Renewable Energy Certificate), que comprova a utilização de energia renovável nas operações portuárias durante o ano de 2024.

DIVO ARAÚJO

Muito antes de se consolidar como centro financeiro e comercial de Salvador, o Comércio já era o principal palco de chegadas e partidas da cidade. Toda a região era, literalmente, praia — e foi justamente ali que se deram os primeiros passos para a fundação da capital baiana.

“Salvador é, sobretudo, uma cidade portuária”, conta o historiador Murilo Mello. “Ela nunca foi uma cidade produtora. A produção vinha de outras partes do mundo, mas também do Recôncavo, do sertão, com fumo e açúcar. Salvador sempre viveu do porto e desse contato entre Europa, África e América”.

Essa vocação, segundo ele, explica por que aquela área da cidade sempre foi tão valorizada desde os primórdios. “O nome tradicional era Rua da Praia, porque a cidade era só a parte alta. A única praia que pertencia à cidade era aquela”, explica.

Foi justamente nessa faixa litorânea que ocorreu o primeiro momento de fundação de Salvador. “Foi ali, na região da Conceição da Praia, que Tomé de Souza atracou em 1549 e realizou a primeira vistoria da parte terrena para a escolha do sítio onde seria fundada a fortaleza de Salvador”, explica o historiador Rafael Dantas.

Além da posição estratégica, a região oferecia uma vantagem decisiva: abundância de água doce. “Era um local privilegiado, com várias fontes, cursos d’água e até pequenas cachoeiras que escorriam pelas encostas”, destaca o historiador. “Isso foi fundamental para o abastecimento dos navios que cruzavam o Atlântico”, completa.

Murilo Mello reforça que a área praticamente nasce junto com a cidade. “Quando Tomé de Souza chega, tudo desembarca na Rua da Praia e precisa subir dali”. Segundo ele, essa dificuldade logística moldou a própria cidade. “Era muito difícil subir mercadoria. Por isso se constroem ladeiras e caminhos para levar a carga de forma mais rápida e segura”.

Tomé de Souza foi recebido nesse contexto por Caramuru e Catarina Paraguaçu. A partir daí, a área passou a ser usada prioritariamente para atividades portuárias, funcionando como porta de entrada da cidade.

Com o crescimento de Salvador, consolidou-se uma relação estrutural entre as cidades Alta e Baixa. “A fortaleza sempre esteve conectada à parte alta, onde ficavam o poder político, religioso e social, e à Cidade Baixa, onde estava o porto”, afirma Dantas. Mello complementa: “Não havia ocupação residencial. As pessoas moravam na Cidade Alta. A Rua da Praia sempre foi lugar de trabalho, de comércio, de circulação”. O comércio surgiu como consequência dessa dinâmica. Murilo observa que, naquele período, nem existia um porto único: “Cada empresário tinha trapiche, seu ponto de atracação”.

Auge no século XVIII

Inicialmente conhecida como Porto de Salvador ou Rua da Praia, a área só passou a ser chamada de Comércio a partir do século XVIII. E foi justamente nesse período que o bairro atingiu seu auge. “No século XVIII, estamos falando de um dos maiores portos do mundo”, afirma Rafael Dantas. “Movimentava açúcar, fumo e o tráfico de pessoas escravizadas, produtos que sustentavam o comércio global daquele período”.

Segundo ele, Salvador disputava protagonismo com grandes centros internacionais. “Concorria diretamente com portos de Portugal, Espanha, Inglaterra e Macau. Não é exagero dizer que Salvador equivalia a uma Nova York ou a uma Detroit da época, por causa do seu porto comercial”, compara.

Murilo Mello concorda. “Todo o dinheiro circulava ali. Salvador vivia em função do porto”. Essa pujança se refletiu nas transformações urbanas. Desde o século XVI, sucessivos aterros foram

Cais da história

MEMÓRIA EMBLEMÁTICA, A ORIGEM DO COMÉRCIO SE CONFUNDE COM A PRÓPRIA FUNDAÇÃO DE SALVADOR



O Mercado Modelo foi transferido para o imóvel atual, onde ficava a Alfândega, em 1971



Elevador Lacerda: pioneirismo e marco da engenharia da época



Basílica da Conceição: pedras vieram numeradas de Portugal



Na Praça Conde dos Arcos, a sede da ACB, impulsionadora do desenvolvimento da região

realizados, já que o mar batia diretamente na encosta. “O mar lambia a Conceição da Praia”, lembra Murilo.

Nos séculos XVIII e XIX, surgiram grandes projetos de melhoramento urbano, muitos deles impulsionados pela Associação Comercial. “É nesse período que aparecem os casarões pom-balinos”, explica Dantas. Eram edifícios de quatro ou cinco pavimentos, construídos por comerciantes, seguindo o estilo adotado na reconstrução de Lisboa. A Casa dos Azulejos Azuis, onde hoje funciona a Casa da Música, é um dos poucos remanescentes desse conjunto arquitetônico.

No início do século XX, novas transformações profundas ocorreram, sobretudo no governo de J. J. Seabra. “Ele assume em 1912 e encontra uma Bahia economicamente combatida. Então, tenta dar uma injeção de mo-

dernidade”, explica Mello. Foi nesse contexto que se ampliaram os aterros e se estruturou definitivamente o Comércio como hoje se conhece. “Esse aterro vai expandir o bairro, melhorar a ligação terrestre e impulsionar o crescimento”, resume.

Os irmãos Lacerda

É também nesse período que se consolida o novo Porto de Salvador, inaugurado em 1913.

Conhecida como Porto de Salvador ou Rua da Praia, a área foi rebatizada de Comércio no século XVIII

Universidade Federal da Bahia (Ufba), Nivaldo Andrade. Houve mudanças com modernizações, desabamentos e ampliações, mas parte dessa história está preservada.

Fases do bairro e da própria cidade estão desenhadas nas edificações, que contam uma rica história

Quarenta anos antes, em 1873, outro símbolo definitivo da região — e da própria Salvador — já havia sido erguido: o Elevador Lacerda. “É o primeiro elevador de uso público do mundo”, afirma Dantas. Murilo destaca o caráter pioneiro e privado da obra. “Foi um sonho dos irmãos Lacerda, investidores de Valença. Não teve dinheiro público. Foi uma obra ousada, caríssima”.

Rafael Dantas reforça o impacto financeiro do empreendimento: “Foi um investimento tão alto em mão de obra, maquinário e equipamentos que quase levou os irmãos Lacerda à falência. Dinamitar a encosta para implantar o elevador foi um trabalho hercúleo para a época”.

Outro marco incontornável do Comércio é a Basílica da Conceição da Praia. “A primeira igreja, de palha, foi construída a

mando de Tomé de Souza”, explica Dantas. “Depois veio uma de alvenaria, cujas ruínas ainda estão lá”. A atual, construída no século XVIII, é considerada uma das maiores obras de engenharia da América Latina colonial. “Todas as pedras vieram de Portugal. Elas já vinham numeradas, com letras e símbolos, como um grande lego”, explica Dantas.

Foi o próprio historiador quem identificou esse sistema de encaixe, ao coordenar o projeto de Resgate dos Toques dos Sinos na igreja. “Foi ali que percebi que as pedras vieram de Portugal já cortadas, numeradas e com marcas específicas, como se fosse um grande manual de montagem”.

Segundo Dantas, cada bloco possuía sinais que indicavam exatamente sua posição no conjunto arquitetônico, permitindo que a igreja fosse ergui-

da em Salvador com extrema precisão. “Era um sistema de encaixe muito avançado para a época, que revela não apenas a importância econômica da cidade, mas também o nível de planejamento e de técnica envolvido naquela construção”.

Na história do bairro, poucos equipamentos urbanos foram tão decisivos para a dinâmica econômica da cidade quanto os trapiches. Ligados diretamente à condição portuária de Salvador, eles funcionavam como grandes mercados e pontos centrais de circulação de mercadorias, pessoas e dinheiro. O Mercado Modelo só surgiu no início do século XX, também vinculado às reformas de Seabra. Em 1971, foi transferido para o imóvel atual — que funcionava como Alfândega — após o antigo mercado ser atingido por incêndios.

Grande riqueza arquitetônica

MADSON SOUZA

A região do Comércio, foi ao longo de séculos, o centro econômico de Salvador e sustenta ainda hoje uma composição de prédios dos séculos XVIII, XIX e XX de diferentes escolas arquitetônicas. As fases do bairro e da própria cidade estão desenhadas nas edificações, que contam uma rica história sobre modas, vanguardas e influências arquitetônicas que moldaram o bairro. O casario que vai da Conceição da Praia até o Elevador Lacerda, por exemplo, está ali desde a fundação da cidade, aponta o professor da Faculdade de Arquitetura da

“Temos edificações dos primeiros séculos de ocupação da cidade como é o caso do Forte São Marcelo, da Igreja da Conceição da Praia, da Igreja do Corpo Santo, até obras importantes, como talvez a mais importante do neoclassicismo aqui, que é a Associação Comercial da Bahia. São arquitetura de vários períodos, além do Elevador Lacerda, que é o símbolo máximo de Salvador, um marco da arquitetura moderna e art déco”, afirma Nivaldo.

Ele aponta que a região do Comércio é tão relevante do ponto de vista arquitetônico que até mesmo edifícios de pe-

ríodos mais recentes já foram tombados como patrimônio. Entre os principais marcos da área está o Mercado do Ouro, hoje conhecido como Mercado Modelo, considerado o último mercado remanescente do século XIX em Salvador. Localizado na hoje Praça Visconde de Cairu (antes conhecida como Largo do Cais Dourado), a área era comandada pelos capoeiristas — estivadores que trabalhavam na zona portuária —, como o Besouro Mangangá, um dos maiores que a Bahia teve no século XIX.

Salvador passou por transformações urbanas e de expansão a partir dos anos 1960.

O processo possibilitou a ocupação de novos espaços, que assumem esse protagonismo no lugar do Comércio. Igualmente, Tancredo Neves e adjacências se destacam como novo centro econômico de Salvador, enquanto o Comércio perde essa relevância.

As áreas próximas ao Mercado Modelo são zonas vistas e turisticamente reconhecidas, inclusive com a adição de equipamentos culturais recentes, mas nas ruas internas do bairro, a falta de preservação das edificações é motivo de preocupação por conta da insegurança e do risco ao patrimônio histórico.